



O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MORAES, Denise Rosana Silva – UNIOESTE -PR¹,
denisepedagoga@gmail.com

ANDRÉ, Tamara Cardoso – UNIOESTE – PR²,
tamarazaz@bol.com.br

“TERUYA”³, Teresa Kazuko – UEM – PR
tkteruya@gmail.com

Área Temática: Práticas e Estágios nas Licenciaturas
Não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho constitui um relato de experiência da construção de uma prática de estágio no curso de Pedagogia. A pedagogia desenvolve-se em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática, podendo ser identificada como o modo intencional de realizar a educação. A pedagogia assume uma importância em relação às ciências práticas, buscando a definição de seu estatuto. Na primeira parte, mostramos como, historicamente, a teoria e a prática foram dicotomizadas no trabalho docente e defendemos que a superação desta dicotomia pode ocorrer a partir do estágio, na formação do pedagogo. Na segunda parte, relatamos nossa experiência de coordenação de estágio na Universidade Estadual do Oeste do Paraná de Foz do Iguaçu, apontando como buscamos, apesar de alguns desafios impostos pelas atuais políticas públicas, unir teoria e prática no estágio, através do aporte teórico materialista histórico e dialético. Nesta perspectiva, as contribuições de Freire, Pimenta, Vieira Pinto, Kosik, entre outros, fundamentam a nossa análise sobre a constituição de práticas escolares, baseando na pedagogia histórico-crítica que é tributária da concepção dialética. Organizamos nossa prática de inserção nas escolas da rede pública de ensino, buscando constituir uma tentativa de superação da dicotomia entre a teoria e a prática no curso de Pedagogia, especificamente em

¹ MORAES, Denise Rosana da Silva. Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá- e Profa. do Centro de Educação e Letras - Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

² ANDRÉ, Tamara Cardoso. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná-UFPR Profa. do Centro de Educação e Letras – Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

³ TERUYA, Teresa Kazuko. Pós-doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília, UnB-DF e professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

relação ao estágio curricular. A concepção do estágio articulado assume outra configuração para além dos moldes estáticos e esquematizados, tornando-se algo vivo, em íntima articulação com a história da escola, tomando parte do objeto de que se ocupam. O trabalho educativo neste sentido, seria a garantia de um corpo consistente de conhecimentos historicamente construído, no qual a pedagogia revela-se capaz de articular o estágio, não como um momento estanque e fragmentado no curso, mas unificado, tendo a escola como o *locus* privilegiado para o conhecimento de como se materializa o trabalho educativo.

Palavras-chave: Estágio. Formação de professores. Teoria e prática de ensino.

DICOTOMIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

O presente trabalho relata uma experiência de orientação de estágio no curso de Pedagogia. A primeira parte mostra como, historicamente, a teoria e a prática foram dicotomizadas no trabalho docente e defendemos que a superação desta dicotomia pode ocorrer a partir do estágio, na formação do pedagogo.

A segunda parte relata uma experiência de orientação de estágio na Universidade Estadual do Oeste do Paraná de Foz do Iguaçu. Aponta alguns desafios impostos pelas atuais políticas públicas e busca unir teoria e prática no estágio, por meio do aporte teórico materialista histórico e dialético.

No Brasil, segundo Pimenta (2004), o movimento de valorização da pesquisa no estágio tem suas origens na década de 1990, quando os professores de didática começaram a questionar sobre a indissociabilidade entre a teoria e a prática. Assim, a formulação do estágio como atividade instrumentalizadora da práxis, segundo a autora, obrigatoriamente teria que contar com o professor (ou futuro professor) como intelectual em processo de formação e a educação entendida como sendo um processo dialético de desenvolvimento do homem histórico, situado em seu tempo. Esse movimento de discussão entre os pares abriria espaço para um novo entendimento do estágio, agora como uma possibilidade de investigação das práticas pedagógicas nas instituições educativas.

Segundo Kosik (2002), no conceito da *práxis* a realidade humano-social se desvenda como o oposto do ser dado, isto é, como formadora e, ao mesmo tempo, forma específica do ser humano. A *práxis* é a esfera do ser humano. Na sua essência e universalidade, a *práxis* é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade humano-social e que, portanto, compreende a realidade humana e não humana, a realidade na

sua totalidade. A práxis do homem não é uma atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade.

Na perspectiva da indissociabilidade entre a teoria e a prática, além da instrumentalização puramente técnica da função docente, indica também a possibilidade de atuação de formar educadores pensantes e conscientes do seu contexto e seu tempo histórico, tendo condições de vislumbrar o caráter social e coletivo de sua profissão.

Ao tratar da formação inicial de professores, Freitas (1996), mostra que as disciplinas de 'Prática de ensino' e de 'Estágio Supervisionado' foram historicamente desvalorizadas nos cursos de licenciatura. Até pouco tempo atrás, o estágio era realizado no final do curso de licenciatura ou Pedagogia e era organizado de modo burocrático. Além disso, ocupava pouco espaço na política científica e acadêmica da universidade.

Para a autora, a depreciação da prática em relação à teoria nos cursos para formação de professores reflete a lógica produtiva do sistema capitalista. Nessa estrutura de produção, ocorre a submissão do trabalho manual ao trabalho intelectual no processo de divisão do trabalho.

A separação entre teoria e prática resulta da contradição da produção capitalista, que divide o trabalho em manual e intelectual. Na prática de ensino como atuação profissional, mais especificamente no interior da escola, essa divisão aparece na organização do currículo, no qual especialistas tratam de pensar e elaborar todo o trabalho intelectual de concepção e planejamento, enquanto professores ocupam-se das atividades práticas.

Tanto para a prática de ensino na escola, quanto no estágio, Freitas propõe como superação da dicotomia entre teoria e prática, a inserção na práxis pedagógica das escolas e a análise do cotidiano escolar e de seus estruturantes. Freitas (1996), apoiado em Vasques, define práxis como uma atividade teórico-prática que traz as dimensões teóricas e materiais articuladas pelo trabalho. Na concepção marxiana, o trabalho é considerado um ato exclusivamente humano, por meio dele, o homem compreende e transforma a realidade e a si mesmo. É sempre uma atividade caracterizada pela possibilidade de criação de instrumentos que transformam a natureza em direção a uma finalidade humana. Ao longo da história, as relações de trabalho se modificaram e assumiram diferentes formas. Na produção capitalista, o trabalho tornou-se dividido e parcializado, impedindo o trabalhador de dominar o processo produtivo.

Ainda segundo a autora, existe uma polêmica entre os estudiosos das relações entre escola e trabalho e educação e trabalho. A questão é: Será que a introdução das novas

tecnologias pode gerar a união entre concepção e execução no processo de trabalho? Ou como superar a fragmentação e a superficialidade do conhecimento? Para a autora, as novas tecnologias não podem por si só garantir o emprego, pois as contradições do capitalismo só podem ser superadas com o advento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste sentido, o processo para a formação inicial e continuada de professores precisa estar ligado à questão da democratização da escola. Isso implica em oferecer condições de acesso e permanência da grande maioria das crianças e jovens de classes trabalhadoras frequentando as instituições escolares. Para isto é preciso romper com a banalização e a infantilização dos conteúdos, com a fragmentação do conhecimento, com as práticas autoritárias e hierárquicas que insistem em manter as tarefas mecânicas e repetitivas, adotando o trabalho individualizado e competitivo em um processo de eliminação e seleção de grande número de crianças das escolas.

Atualmente, outro desafio na educação escolar é a formação de professores. As atuais políticas para formação de professores sofrem um processo de desqualificação. Este processo se amplia com a criação dos institutos de educação superior pela nova LDB, lei 9394/1996, porque abre uma brecha para a propagação de cursos da rede privada que, com raras exceções, não aliam ensino, pesquisa e extensão, fatores de suma importância para uma formação consistente. As Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores da educação básica, em nível superior, do curso de licenciatura, de graduação plena, também abre precedente para o processo de desqualificação dos professores.

A Resolução do CNE/CP nº. 1, de 15 de maio de 2006, institui, para os cursos de licenciatura em Pedagogia, carga horária de 3200 horas de trabalho acadêmico divididos em 2800 horas de atividades formativas, - aulas, seminários, pesquisas, visitas a centros educacionais e culturais -, 300 horas de estágio supervisionado e 100 horas de atividades teórico-práticas por meio de participação em iniciação científica, atividade de extensão e monitoria. Esta carga horária estipulada para os cursos de Pedagogia é organizada de modo a permitir que uma boa parte da carga horária de até 30%, possa ser oferecida na modalidade à distância. O mais problemático é que, ao não deliberar o mínimo de anos para duração do curso de Pedagogia, as diretrizes possibilitam a criação de cursos de licenciaturas com duração de menos de quatro anos, tempo bastante exíguo para uma formação contemplar teoria e prática.

Outra dificuldade gerada pelas Diretrizes é a falta de definição em relação ao papel do pedagogo. Apesar de a docência ser apontada nas diretrizes como a base da formação do

pedagogo, o que é positivo e é um avanço, não há uma clareza sobre a especificidade do trabalho do pedagogo unitário. A dicotomia entre supervisor, orientador e professor, que gerava uma separação entre teoria e prática, porque o professor era visto como mero executor de deliberações da equipe pedagógica, agora parece superada nas novas diretrizes. Entretanto, ainda persiste um outro problema, que é a indefinição do papel do pedagogo unitário. Ora, se o pedagogo não é supervisor, nem é orientador e nem é professor, então, quem é o pedagogo?

Em uma perspectiva emancipatória da educação, é preciso superar a dicotomia entre teoria e prática e, para garantir uma formação plena. No entanto, para isso é preciso enfrentar os desafios provocadas pela crescente desqualificação dos professores.

Segundo Lima e Pimenta (2004), o professor deveria ser um profissional intelectual, pois o exercício do trabalho pedagógico requer reflexão sobre a prática. Mas, para pensar sobre a própria prática, o professor precisa de sólidos conhecimentos científicos que permitam compreender os contextos histórico, social, cultural e organizacional no qual ocorre a atividade docente. Disso decorre a importância de reconhecer a docência como um campo de saberes específicos, o que implica em uma epistemologia da ação docente.

Epistemologia da ação docente é o estudo científico do modo como a teoria e a prática da pedagogia são apropriadas pelos professores em formação inicial e continuada. Pensar no estágio pelo viés epistemológico significa entender como o professor, na realização do seu estágio, se apropria de conhecimentos sobre educação. A abordagem epistemológica do materialismo histórico e dialético, a orientação e a organização do estágio têm como horizonte, a interpretação da realidade e sua transformação. Ou seja, a realidade é considerada não apenas na sua aparência, mas são apreendidas suas relações dinâmico-causais, objetivando, com isso, sua transformação.

Na prática de estágio, isto significa observar a realidade escolar pelas lentes do aporte teórico que permita entender sua totalidade. Isso só é possível com a contextualização e historicização daquilo que é observado. Entendemos o estágio como momento de práxis, que na concepção de Kosik (2002), práxis não é atividade prática contraposta à teoria, mas sim determinação da existência humana como elaboração da realidade. O homem é um ser 'ontocriativo', pois, simultaneamente, cria e compreende a realidade na sua totalidade.

O papel da teoria, de acordo com Pimenta (2004), é oferecer aos professores argumentações para a explicação dos contextos históricos, organizacionais e de si mesmos como profissionais. A atividade docente ocorre na perspectiva de transformação, a partir do exercício permanente da crítica de sua própria ação e das condições materiais do espaço

escolar. Assim, a teoria, além do seu poder de formação, proporciona aos sujeitos articulação com os saberes, sendo significados e ressignificados pelos professores. Isso é práxis.

Corroboramos Pimenta e Gonçalves (1990), quando consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade do trabalho docente no espaço escolar. Assim, o estágio se afastará da compreensão na maioria das vezes de que é o momento prático do curso. O entendimento do estágio como parte intrínseca da formação exige uma nova postura, que é a reflexão a partir da realidade.

Neste entendimento, segundo as autoras é importante que os professores orientadores de estágio procedam no coletivo, junto a seus pares e alunos, uma aproximação da realidade, para analisá-la, questioná-las à luz de teorias. Uma caminhada conceitual poderá ser uma possibilidade para novos entendimentos e experiências sobre esse momento da formação.

A NOSSA HISTÓRIA

O curso de Pedagogia da Unioeste em Foz do Iguaçu tem sua origem histórica vinculada ao movimento dos educadores das escolas públicas que, através de seu posicionamento, buscaram a criação de um curso comprometido com a formação de professores. Desde agosto de 2000, foram implementadas, gradativamente, as primeiras turmas de pedagogos da Unioeste que se formou em 2004. O perfil do curso está intrinsecamente associado às necessidades regionais. Além disso, buscamos atender aos vários sistemas de ensino. A Unioeste de Foz do Iguaçu está situada em uma região de tríplice fronteira, por isso os desafios são inerentes a essa particularidade. O Projeto Político Pedagógico do curso, construído coletivamente por um grupo de educadores e de acadêmicos, foi objeto de exaustiva discussão, definição e posicionamentos. Foi elaborado um projeto que, apesar de se refletir na face do curso, ainda demanda novas intervenções e rearticulações, como qualquer projeto que possui um movimento dialético cuja concepção aponta a emancipação humana como fundante, para que seja materializada no cotidiano das nossas práticas na sala de aula, nos projetos de pesquisa e extensão e, especificamente, nas propostas de estágio.

Pensar o estágio curricular coletivamente é entender que a verdadeira formação humana tem compromisso histórico com a humanidade. Por este motivo, os conteúdos trabalhados no estágio são buscados na essência da história humana, que é compreendida por

nós na dialética da luta de classes e no atendimento às necessidades naturais, históricas, sociais e culturais.

O elemento essencial do projeto pedagógico é o estágio supervisionado, porque possibilita a concretude dos conhecimentos científicos e, simultaneamente, relacioná-los com o cotidiano da escola. O campo de estágio é preferencialmente o da escola pública, visto que o colegiado do curso de Pedagogia tem o compromisso de assumir a forma pública de educação. A concepção que norteia o estágio exige a superação da mera observação e reprodução do aprendido, apontando para a construção de práticas coletivas, pensadas a partir de um projeto que extrapola as dimensões do fazer e do aprender a fazer.

O estágio, quando corrobora um projeto emancipatório, envolve a organização do trabalho pedagógico da escola. Isso requer a leitura da escola, desde os documentos pertinentes ao espaço educativo até a compreensão das políticas educacionais que interferem no cotidiano da escola. Estas políticas podem, por um lado, levar à formação da escola, mas, por outro, pode levá-la à resistência em prol da superação.

O estágio do curso figura como uma atividade teórico-prática, sendo componente curricular da disciplina de 'Prática de ensino'. O estágio é realizado no contra-turno das atividades acadêmicas e operacionalizado em três anos. No segundo ano, os alunos fazem uma interlocução com a escola, para compreender a organização do trabalho pedagógico através de um olhar investigativo, que apontam possíveis temas de pesquisa sobre o cotidiano escolar.

Neste momento os acadêmicos realizam uma breve inserção na escola como parte do estágio, para conhecer sua organicidade e as atividades relativas ao trabalho pedagógico.

Os conhecimentos e as bases teóricas trabalhadas durante o curso de graduação e a especificidade da disciplina de Organização do trabalho Pedagógico e da Prática de Ensino, juntamente com a Didática, tem como objeto e finalidade auxiliar os alunos para que se apropriem de instrumentos teóricos e metodológicos. Dentro da escola, com acesso à sua organização e a sua documentação, exige um exercício de análise que possa vislumbrar futuras pesquisas acerca do fazer escolar.

No terceiro ano, a partir da pesquisa já iniciada no ano anterior, o aluno faz mais do que uma interlocução com a escola. Ele inicia uma atuação como pedagogo unitário, tornando-se parte do movimento da escola. Ou seja, o aluno faz um projeto de ação na escola, que esteja coadunado com o objeto da pesquisa já iniciada no ano anterior. Assim, por exemplo, pode ajudar a articular a construção do Projeto Político Pedagógico, promover

seminários com os professores da escola, ajudar a pensar em modos de concretizar determinada ação necessária ao coletivo da escola, tais como: formar um grêmio estudantil, organizar uma biblioteca, ajudar a transformar a escola em um espaço que permita a inclusão de alunos especiais, entre outras.

Neste momento do estágio, os alunos apresentam à escola um projeto de ação, especificando a natureza do trabalho educativo a ser realizado naquele espaço. É imprescindível pontuar que o pedagogo unitário é o articulador do trabalho pedagógico, mas ainda é necessário muito debate para definir a identidade desse profissional da pedagogia. Apresentado esse conceito e concepção, inicia-se o trabalho junto aos professores e alunos a partir de um documento organizado pela Secretaria Estadual de Educação - SEED/PR, no qual está elencado a especificidade do trabalho do professor pedagogo.

Os acadêmicos optam então pelo desenvolvimento de projetos de ação, conforme o que está garantido como trabalho docente desse profissional.

No quarto ano, os estagiários focalizam a docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Realizam um projeto de docência para ser aplicado na escola.

O estágio como reflexão da práxis, de acordo com Pimenta (2002), possibilita aos alunos, que ainda não conhecem o magistério, aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente. Entretanto, este fato não diminui a importante participação dos professores orientadores e sua mediação entre a teoria e a prática.

No curso de Pedagogia, os acadêmicos realizam seus estágios em duplas, justamente para que o trabalho possa ser construído de maneira coletiva.

A cada ano, os acadêmicos realizam seus relatórios, que são exercícios monográficos, nos quais, prática e teoria se relacionam. É o importante momento de construir a consonância da teoria com a prática, em que a teoria irá vislumbrar essa prática que fora realizada no estágio.

É importante pontuar que na região de fronteira, os relatórios de estágio são enriquecidos com essa especificidade, tornando-se um instrumento de apoio aos professores e as escolas, uma vez que são socializados no final do trabalho.

Antes do término dos estágios, quando os acadêmicos estão em pleno momento de formação para a profissão, são organizados seminários conjuntos entre os estudantes estagiários e os professores do curso de Pedagogia, em um momento de interação e reflexão, quando são apresentados os projetos dos estágios e sua inicial caminhada. Assim,

concordamos com Pimenta (2004, p. 102) ao afirmar que “na condição de aprendizes, formadores e formandos transitarão dos espaços da universidade para a escola e da escola para a universidade”.

Ao término de cada ano letivo é realizado o “Seminário de Prática de Ensino”, um espaço para que os estagiários comuniquem suas pesquisas para a comunidade acadêmica. O estágio totaliza 400 horas, sendo 60 para grupos de estudos, investigação, seminário e elaboração do projeto de ação.

Esse seminário final é apresentado na Jornada de Estudos Pedagógicos do Curso de Pedagogia, um evento reúne aproximadamente quatrocentas (400) pessoas, entre acadêmicos dos cursos de Licenciaturas da Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu, professores da Rede Municipal e Estadual de Educação Básica e alunos de outras Instituições de Ensino Superior. Esse evento é um momento de socialização da produção teórico-prática entre os alunos do curso de Pedagogia e os professores da rede que trocam suas experiências educativas.

Dessa forma, os estágios contribuem para repensar a prática docente, porque os alunos em processo de formação terão que investigar, observar e ensinar, a partir da vivência no espaço escolar. Neste processo, encontra-se a rica possibilidade de resignificação do trabalho educativo. Concordamos com Paulo Freire (2007) que somos seres inacabados, e como seres inacabados e sabedores do nosso inacabamento, estamos em constante construção.

Para concluir as análises e as possibilidades da tarefa difícil de formar professores, concordamos com Freire (2007), quando coloca sobre a formação de educadores, que a atividade docente não pode separar-se da atividade discente, o professor e o aluno coexistem, o desrespeito à educação, aos educandos e educadores, vai deteriorando a sensibilidade com a própria prática educativa de si e dos outro, vai distanciando a alegria para o fazer docente.

Nesse sentido, a formação de professores no curso de Pedagogia, elencada em seu projeto político-pedagógico, materializada cotidianamente nos estágios e práticas precisa continuar insistindo nesta relação entre a Universidade e a Escola, como Freire pontua uma relação dialógica e respeitosa de aprendizagem recíproca. O respeito aos educandos, ao espaço pedagógico que se abre pleno de possibilidades de intervenções coletivas, a abertura à construção de nossa prática educativa conjuntamente à prática dos educandos em processo de formação é a tessitura de um trabalho pedagógico que é construído com muitas mãos, avaliado e reavaliado constantemente, nunca uma tarefa fácil:

Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando (FREIRE, 2007, p. 144).

Esse é o tempo da docência, da prática docente-discente, e o estágio é um momento ímpar no curso dessa formação entendida como uma relação prática-teoria-prática. De acordo com Redin (2008, p. 62), para Paulo Freire, “conhecer e transformar não constituem dualidades da ação educativa, mas aspectos distintos da mesma unidade, mediante a *práxis* histórica do ser humano, que indica sempre um tempo de possibilidades, e não de determinismos”.

O estágio é tudo isso um tempo de formação, de prática solidária na escola e com a escola, momento de exercício docente, um tempo pleno de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES

Sem buscar uma conclusão definitiva, podemos afirmar que é possível o estágio se constituir como momento de reflexão teórico-prática e de transformação da realidade escolar. Ainda que o estágio seja um momento mais de aprender do que de transformar a escola, dado seus limites de tempo e espaço, por meio dele, o aluno estagiário aprende que é possível fazer algo pela escola. Além disso, aprende a compreender a realidade mediada por um olhar científico e comprometido teoricamente.

Para que o estágio ocorra enquanto *práxis*, é necessário que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações praticadas na escola e usem estes saberes para preparar sua inserção profissional. Entretanto, uma formação de professores munidos de uma sólida base de conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade é uma tarefa que enfrenta uma grande dificuldade: as políticas públicas que têm corroborado o desmonte da educação pública. Ir contra estas políticas requer pura prática de resistência ativa.

Assim, ao considerar que as escolas e as universidades são lugares privilegiados para a produção e a socialização do conhecimento, é possível que, por meio das atividades práticas, a relação entre trabalho e escola possa se realizar no espaço da formação de professores. Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico e a prática de ensino podem ser tomados como eixos articuladores entre teoria e prática, ou seja, como *práxis*.

O estágio na perspectiva de construção de uma prática real que é práxis, tem a docência como base da formação, corroborando a orientação da Anfope. O trabalho com os acadêmicos tem o objetivo de construir uma ação unitária na escola como campo de estágio. Mas é necessário não perder de vista o objetivo macro, a formação do pedagogo/ professor, comprometido com a escola pública e com a transformação da sociedade.

Isso exige diuturnamente um trabalho de denuncia e anúncio na intencionalidade da elaboração coletiva de um projeto de cunho transformador. Para finalizar, entendemos que uma educação contra-hegemônica é uma educação de resistência em favor de uma educação para a autonomia e para a capacidade de dirigir no interior das instituições escolares, em um processo concreto de formação do educador.

REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC – Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Disponível em www.mec.gov.br/. Acesso em 12/04/2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Helena Costa L. de. **O trabalho como elemento articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

REDIN, Danilo R. Streck e Jaime José Zitkoski (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

UNIOESTE, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia** – Campus de Foz do Iguaçu, 2005.

KOSIK. K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VASQUEZ, Sánchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.